

10.

Século XII – África Ocidental – Timbuktu – manuscritos

Muitos amigos que leram o manuscrito mostraram-se surpresos. Como é que a memória de um homem de mais de oitenta anos é capaz de reconstituir tantas coisas e, principalmente, com tal minúcia de detalhes? É que a memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosa. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo o acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem....Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente, como os sons da guitarra que o griot Diéli Maadi tocava enquanto Wangrin me contava sua vida, e que ainda escuto agora...¹⁹

Ao se falar de tradição oral na África Ocidental, parece estar implícito a falta da escrita. A oralidade, de modo geral, parece se definir por uma falta, parece ser a alternativa para uma letra que ainda não chegou. Penso que não é exatamente assim. O Império do Mali era bastante rico, e, como disse antes, a primeira notícia que se tem de um griot, veio de um relato escrito de um viajante. A cidade de Timbuktu, situada ao sul do deserto, no Mali, ocupa uma posição única, ponto de encontro entre os povos Songhai, Wangara, Fulani, Tuaregue e Árabe. Ela tornou-se um celebrado centro de cultura islâmica e desde o século XI, um importante posto comercial. Segundo seus moradores, o ouro vem do sul, o sal do norte, e o conhecimento divino, do Timbuktu. Lá, no século XII, havia a Universidade de Timbuktu, que se organizava em três mesquitas, Mesquita de Sakore, que foi contruída por volta do século IX, de Jingara Bar e de Sidi Yahya, havia também mais 180 escolas corânicas, mais de vinte e cinco mil alunos frequentavam suas aulas, numa população de cem mil habitantes. Os estudantes vinham dos mais diferentes lugares da África. Os livros não apenas eram escritos no Timbuktu, como também eram importados e copiados ali. Existia uma indústria bem desenvolvida de cópias na cidade e as universidades e bibliotecas tinham um importante catálogo de trabalhos acadêmicos. Como era um lugar de farto comércio, onde as mercadorias que vinham do Mediterrâneo eram trocadas por ouro, diferentes profissionais eram atraídos por sua prosperidade.

¹⁹ Hampâté Bâ. *Amadou. Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2003.

No site www.timbuktufoundation.org, que conta a história do Timbuktu, há um trecho de um livro do Dr. Molefi Asante que acho interessante repetir aqui:

“The African love for knowledge, literature and learning although now filtered through the religion of Islam, never died. As it has been in the days of the early Egyptian Kingdom, so it was in the days of Askia Mohammed. In fact, Leo Africanus, a historian of the XVIth century wrote about Timbuktu:

There are many judges, doctors and clerics here, all receiving good salaries from King Askia Mohammed of the State of Songhay. He pays great respect to men of learning. There is a great demand for books, and more profit is made from the trade in books than from any other line of business.”

O Timbuktu se estabeleceu como importante centro tradicional de escrita na África, e como importante centro propagador da cultura islâmica, do século XII ao XVI. Há pouco tempo, foi encontrada uma quantidade imensa de livros, e textos muito antigos e raros. São conhecidos como "Os manuscritos do Timbuktu", e fazem parte da herança intelectual africana, mostrando a influência destas escolas em toda a África Ocidental. Alguns destes manuscritos estavam enterrados no chão, nas casas dos moradores que não queriam entregá-los aos colonizadores. Muitos pesquisadores estão trabalhando hoje sobre esta imensa variedade de livros.

Também no Brasil, homens e mulheres muçulmanos que chegavam escravizados, durante o primeiro período da colonização, eram conhecidos por saberem ler e escrever, e eram tidos como difíceis por serem rebeldes e sábios. Foram estes que organizaram a revolta dos malês, em Salvador, em 1835. Pierre Verger escreve em *Notícias da Bahia* :

Francis de Castelneau, cônsul da França, tentou em 1848 interrogar um fulani. A descrição que ele deu mostra o caráter altaneiro de certos escravos muçulmanos na Bahia: Este homem idoso, Mohammad Abdullah, fulani, está na Bahia há trinta anos, e atualmente é carpinteiro. Ele é instruído, sabe não somente ler e escrever em sua língua, como também em português.

Estas informações talvez ajudem a legitimar um outro olhar sobre esta cultura oral. A oralidade é, então, uma visão de mundo, uma atitude diante da realidade, não uma carência.

O etnógrafo Marcel Griaule dirigiu a expedição para África, da qual Leiris fez parte, e a partir desta viagem ele escreveu um grande tratado sobre os Dogon. Leiris escreve em seu diário, no dia 14 de agosto:

...Mamadou Vad, com a cabeça (que acabara de raspar), emerge da esteira sobre a qual estava deitado e registra escrupulosamente alguma boa história (transcrito não apenas em francês, mas também em árabe) no caderninho que Griaule lhe deu de presente.

Os muçulmanos chegaram à África Ocidental por volta do século XI, de diferentes maneiras, pacificamente, em alguns lugares, e em outros, de forma bastante violenta. O próprio Sundjata se converteu ao islamismo logo que se tornou rei. O islamismo tem forte relação com a oralidade e com a memória, desde muito cedo, os meninos aprendem a decorar o Corão, sob rígida disciplina. Todo o ensinamento sufi, corrente mística do Islã, é baseado na ideia de que o conhecimento só deve ser passado através da palavra falada, por um professor. Estes ensinamentos não podem ser encontrados em livros, eles estão guardados nos corpos de seus mestres. Isto é uma escolha, não uma falta.

Para que o conhecimento passe através de narrativas orais, a presença é um fator fundamental. É preciso a presença de quem fala e a de quem ouve. O conhecimento, desta maneira, se dá no encontro. A prática da oralidade permite um maior controle sobre o que está sendo dito e para quem. A escrita é mais subversiva, porque, por mais que se tente controlar seu alcance, ela escapa, através do espaço ou do tempo. É preciso, entretanto, aqui, um certo cuidado. Para que a escrita seja subversiva é necessário que haja leitores, o que não é regra geral. Por tanto há que se diferenciar a oralidade, do analfabetismo, que respondem a diferentes demandas, e dizem respeito a coisas distintas. Assim, acho possível pensar a oralidade como um sistema estético que não se define pela falta, e que comporta muito mais que um texto falado.

Bird: If you help us, if you help us, we will write down your words and they will live forever.

Diabate: you and your dried words. What are they to me? The meaning of my words is in the moisture of the breath that carries them.

Este é um trecho do diálogo entre o pesquisador Charles Bird e o griot Kele Monson Diabate, que encontrei no livro *Mande Music*, de Eric Cherry. Acredita-se, na África, que a escrita, da forma como se dá no ocidente seja responsável pelo apagamento da faculdade da memória. Não é mais o corpo que armazena, é um corpo outro que não respira. Para os que pertencem à tradição oral, a escrita dá a ilusão de conhecimento, de um conhecimento que deveria ser secreto. Penso que secreto aí significa algo que não acontece abertamente, que não se pode entregar, porque é sem controle e de forma muito particular que o aprendizado se processa. É secreto porque não é objetivo. Faz parte de uma busca. A cultura ocidental, de acordo com a tradição africana, vulgarizou o conhecimento ao torná-lo, através da escrita, disponível a todos.

No Sahel, região situada entre o Saara e a Savana, a oralidade confere à palavra um poder misterioso para além de seu uso cotidiano, ela tem o poder de criar coisas. Para os Dogon, por exemplo, em seus rituais, o nome é a coisa, e dizer significa fazer. Pelo que li e pude entender, nas diversas línguas faladas nesta região, o significado não é fixo, ele se faz por diferentes associações. Se isto é realmente assim, a presença torna-se ainda mais importante.